

VIVER EM FUNÇÃO DO REINO, NÃO PARA SI

Wilbur (Dr. Gilberto) Norman Pickering, ThM PhD

Prosseguindo, vamos atentar para as palavras do Senhor Jesus que encontramos em Lucas 12.31: "Buscai antes o reino de Deus, e todas estas coisas vos serão acrescentadas." Novamente é uma palavra endereçada a Seus discípulos. Antes de ver o efeito estratégico desta ordem, vamos recordar o contexto imediato. Nosso texto se insere numa passagem maior que vai do verso 13 ao verso 48. Jesus vinha discorrendo sobre certas verdades básicas quando um homem interrompeu com uma questão de interesse financeiro pessoal. Jesus aproveitou para dirigir um alerta à multidão, uma palavra para todos. "Acautelai-vos e guardai-vos da avareza; porque a vida de qualquer não consiste na abundância do que possui." Aí proferiu a parábola do rico louco, que diante da fartura reagiu assim: "Direi à minha alma: Alma, tens em depósito muitos bens para muitos anos: descansa, come, bebe e regala-te." Mas Deus lhe disse: "Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado para quem será?" Aí Jesus arrematou: "Assim é aquele que para si ajunta tesouros e não é rico para com Deus."

Na nossa sociedade há uma falta de compreensão geral quanto aos valores, os princípios básicos ou fundamentais que regem a vida neste mundo; a vida de qualquer um, seja cristão ou não, quer acreditar ou entenda, quer não. Aqui Jesus coloca dois desses princípios. Primeiro Ele alerta contra o materialismo – a vida não consiste nas coisas (verso 15). Segundo, quem ajunta tesouro para si é louco (verso 21) (até o fim do capítulo veremos porque). A partir do verso 22 o Senhor restringe o enfoque e dirige uma palavra a seus discípulos.

A Mentalidade do Reino

A ordem que fornece a estratégia em pauta dá um resumo dos versos 22 a 34. Esses versos nos trazem nada menos que dez ordens, entre positivas e negativas, ordens que exprimem uma mentalidade, mentalidade que gira em torno do reino de Deus. Creio que devemos ler a passagem toda, antes de comentá-la.

- 22 [Jesus] disse aos seus discípulos: "Portanto vos digo: Não estejais ansiosos pela vossa vida, sobre o que comereis, nem pelo corpo, sobre o que vestireis.
23 Mais é a vida do que a comida, e o corpo mais do que a roupa.
24 Considerai os corvos, que não semeiam nem ceifam, não têm despensa nem celeiro, e Deus os alimenta: quanto mais valeis vós do que as aves?
25 Pois qual de vós, por estar ansioso, pode acrescentar um côvado [seja 45 cm.] à sua estatura?
26 Portanto, se nem podeis as coisas mínimas, por que estais ansiosos pelas outras?
27 Considerai os lírios, como crescem; não trabalham, nem fiam; digo-vos, porém, que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como um deles.
28 Ora, se Deus assim veste a erva que hoje está no campo e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós, homens de pouca fé?
29 Não pergunteis, pois, que haveis de comer, ou que haveis de beber, e não andeis inquietos.
30 Porque todos os povos do mundo zelam por estas coisas; e vosso Pai sabe que necessitais delas.
31 Buscai antes o reino de Deus, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.
32 Não temas, ó pequeno rebanho, porque a vosso Pai agradou dar-vos o reino.
33 Vendei os vossos bens e dai esmola. Fazei para vós bolsas que não se envelheçam; tesouro nos céus que nunca acabe, aonde não chega ladrão e a traça não consome.
34 Porque, onde estiver o vosso tesouro, ali estará também o vosso coração."

São dez ordens – "não estejais ansiosos," "considerai os corvos," "considerai os lírios," "não pergunteis" sobre comer e beber, "não andeis inquietos," "buscai antes o reino," "não temas," "vendei," "dai," "fazei" – dez ordens. São **ordens**, não pontos facultativos. Elas requerem uma mentalidade que se desprende das coisas e dos valores do mundo que nos cerca, uma mentalidade que gira em torno do reino de Deus, que vive em função dele. Se todo crente evangélico tivesse esta mentalidade, não faltaria mão de obra para alcançarmos o mundo e menos ainda o **dinheiro**, tanto para sustentar os obreiros como para custear todo o empreendimento. Aliás, bastaria os crentes do Brasil só – tomaríamos o mundo de assalto!

Jesus iniciou a palavra no verso 22 com o vocábulo "portanto". Ele estava partindo dos princípios básicos que acabava de anunciar nos versos 15-21. O trecho em pauta termina com estas palavras:

"onde estiver o vosso tesouro, ali estará também o vosso coração". Eis a questão! Onde está o seu coração? Seu coração, meu irmão, onde está? Se está por aqui neste mundo, você é um coitado. Sim, porque isso vale dizer que seu tesouro está por aqui, e este mundo não é lugar certo de se ter tesouro. "Porque nada trouxemos para este mundo, e manifesto é que nada podemos levar dele!" (1 Tim. 6.7). (O verso 8 prossegue, "tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes".) Podemos mandar na frente, investindo no Reino, mas não levar junto. Diante da eternidade, quem pensar unicamente nos poucos anos que devemos passar aqui na terra é verdadeiramente louco.

Atentando agora para o verso 31 (Lc. 12), verificamos que Jesus fez uma promessa. Promete acrescentar "todas estas coisas" aos que vivem em função do reino. E quais são as ditas "estas coisas"? O contexto imediato deixa claro que são exatamente o que comer, o que beber e o que vestir. E só! Curioso, não é? Jesus não promete luxo e nem conforto, só as coisas básicas para manter a vida. Enxergo pelo menos dois motivos. Primeiro, não fosse assim seria ferir Seu próprio exemplo (ver Fil. 2.5-8). A começar pelo nascimento Jesus levou uma vida humilde entre os humildes; trabalhou com as próprias mãos; andou a pé pelos caminhos empoeirados da Palestina; durante os três anos de ministério público dependia dos outros, literalmente. (Parece-me ser a resposta suficiente contra a filosofia "filhinhos do Rei". Eles argumentam assim: nós somos filhos de Deus; Deus é Rei; filho de rei é príncipe; príncipe tem direito de viver em palácio e passar muito bem, etc. Não é uma idéia atraente? Só que não procede – Jesus é muito mais Filho de Deus do que nós e Ele não viveu assim nesta terra.)

Segundo, os estudiosos do assunto nos afirmam que no mundo hoje 50% das pessoas são subnutridas, não têm o básico necessário; outros 40% têm o suficiente, mas é só; apenas 10% das pessoas ora vivas neste planeta têm mais – são os privilegiados, materialmente falando. Parece-me uma questão de lógica: de cada dez obreiros disponíveis na mão de Jesus, nove devem ser destacados entre os necessitados. E como diz a sabedoria do povo, "comer sozinho é feio". Um portavoce de Cristo que representa uma ilha de luxo num mar de miséria é uma contradição – Jesus não fez assim. Jesus identificou-se com o povo. É nosso exemplo. Quando eu morava numa aldeia indígena em plena selva amazônica nossa "casa" era de palha, a exemplo dos índios, comíamos o que eles comiam, etc. Procuramos vestir a realidade deles. Já em Brasília temos uma casa (simples), mesmo porque o zoneamento não admite casa de palha, e dirigimos um carro (também simples), pois trabalhar em Brasília sem carro é difícil. Deus pode dar conforto, mas não promete. É questão de contexto.

Bem, imagino que alguém vá pensar nas promessas feitas ao dizimista no Antigo Testamento. De fato, houve promessa de prosperidade para o dizimista. Aliás, entendo que Deus ainda abençoa o dizimista, apesar de muitos deles aparentemente julgarem que os 90% lhes pertencem, que Deus nada tem a ver com isso. Mas o dizimista "já era". Jesus não está mais esperando 10%; agora Ele quer 100%, tudo! Não é isso mesmo que Ele disse em Lucas 14.33? "Qualquer de vós que não renuncia a tudo quanto tem, não pode ser meu discípulo." "Tudo" não é 100%? 100% não é tudo? Eu sei, você não está gostando. Parece um absurdo! E a gente, como fica? Vamos comer o que? Enfim, como será possível dar 100%? É simples; basta ser escravo de Jesus!

Sejamos Escravos de Cristo!

Quando alguém pergunta como eu encaro meu relacionamento com Jesus Cristo, e se temos tempo para uma resposta tranqüila, digo que sou escravo de Jesus. Estou em boa companhia, pois Paulo (Rom. 1.1), Tiago (Tiago 1.1), Pedro (2 Ped. 1.1) e Judas (não Iscariotes, Judas 1) assim se declararam. É uma escravidão que a gente abraça por amor (ver Êxodo 21.1-6), por amor a Jesus, de livre e espontânea vontade. Já sei, alguém não está gostando da idéia de ser um escravo. Tudo bem, mas nesta hipótese você está esquecendo de um pequeno detalhe. É que todo mundo é escravo; faz parte inerente da condição humana. Nascemos escravos, vivemos escravos e morremos escravos. Em João 8.34 o Senhor Jesus declarou: "Em verdade, em verdade vos digo que todo aquele que comete pecado é escravo do pecado." O ser humano sem Deus não tem opção; nasce pecador e continua escravo do pecado até a morte. Ser escravo do pecado vale dizer ser escravo do "eu" – é a nossa desgraça; somos egoístas (é o que nos leva a rebelar contra Deus) – e ser escravo do nosso **ego** vale dizer ser escravo de Satanás, pois sozinho ninguém pode contra ele. Mas Jesus oferece opção, aleluia! A opção não é deixar de ser escravo, essa não. A opção é trocar de dono!

Passei a ser escravo de Jesus Cristo no dia 13 de abril de 1956, faltando poucos dias para meu vigésimo segundo aniversário. Praticamente nasci crente, pois desde que me entendi sempre cria no Senhor Jesus – era crente, mas não era discípulo; faltava a entrega sem reservas. Antes de 13-04-56

ainda estava às voltas com minhas próprias idéias e ambições, meus desejos e querer. É que ainda estava tentando escolher o próprio caminho, dirigir os próprios passos. Como era triste! Só "dava com os burros nágua". Não tinha nem burro e nem água que chegasse. Pois então, aonde um jovem com seus vinte anos iria achar a sabedoria, o conhecimento, a capacidade de mandar na própria vida? Teria aprendido quando e com quem? (E aos quarenta anos, ou aos sessenta, será que a coisa melhora o suficiente?) A Bíblia deixa claro que o ser humano não tem condições de dirigir os próprios passos (ler, por favor, Jer. 10.23, Prov. 28.26, Jer. 17.9 e Prov. 20.24). Antes de me tornar escravo de Jesus, eu estava na mão de um dono sem saber, sem poder e sem condições – estava numa situação triste. Mas agora estou numa "boa", na melhor delas, por sinal! Estou na mão dum Dono que tem todo saber, todo poder e que além do mais me quer bem, tanto prova que morreu por mim. Poderia existir um "galho" melhor?

Vamos ver como funciona. Pensemos no caso dum escravo no tempo de Jesus. Um escravo tinha direitos? Não. Para que existia um escravo? Para servir, servir a seu dono. Um escravo não possui nada, nem a si mesmo. Decorre dali que o dono tem de sustentar o escravo – o escravo não tem nada. Há mais de quarenta anos eu vivo na base de Lucas 12.22-34. Há mais de cinquenta anos não sei de mês em mês o quanto que Deus vai me dar, pois quase nunca é a mesma quantia dois meses em seguida (é que não tenho salário ou ordenado fixo ou garantido). No entanto, nunca passei fome. A esposa e as filhas também nunca passaram fome. Já andei com quatro nós no cadaço (antes de casar), mas nunca andei sem sapato. A família anda bem vestida. Na verdade nunca passamos necessidade.

E se o dono dá ordem que implica em despesa (construir uma casa, por exemplo), aí ele tem que fornecer o material, etc. Quer dizer, o que o dono encomendar ele tem que pagar. O que Jesus encomenda Ele paga. No meu caso específico Jesus encomendou dois mestrados e um doutorado. Custaram bastante dinheiro – Jesus pagou tudo; eu não tenho nada. O que já andei de avião daria para circundar a terra mais de uma vez – Jesus pagou tudo; eu não tenho nada. **O que Jesus encomenda Ele paga.**

De fato tenho só uma preocupação maior na vida: saber exatamente aquilo que meu Dono está encomendando. Uma vez que tenho certeza vou embora, sem olhar para trás. A coisa está garantida. Posso imaginar que meu Dono vai faltar à sua palavra? Posso duvidar que meu Dono possa ou queira me sustentar (Salmo 24.1)? Qual a dúvida que pode restar? Confesso não entender, de certa forma, porque tantos crentes não querem ser escravos de Jesus, não querem se entregar sem reservas (espero que ninguém se espante com esta abordagem, pois quando falo de "escravo" estou falando do discípulo verdadeiro que apresentamos no capítulo III, nada mais). Pode ser que estejam fazendo a pergunta errada. Imagino que muitos pensem assim: "Quanto será que vai me custar ser escravo (ou discípulo) de Cristo?" Não é a pergunta certa.

A pergunta certa seria: "Quanto vai me custar se eu não for um escravo de Cristo?" Em vez de pensar em tudo que Jesus possa exigir, no abrir mão das ambições e dos desejos, na possibilidade de ser enviado para a selva trabalhar com índio, deveríamos pensar nas conseqüências da falta duma entrega sem reservas a Jesus. O preço de não viver em função do Reino de Cristo é tão somente perder sua vida. É isso mesmo; custa a vida. Vejamos as palavras do Senhor Jesus em Lucas 9.24 e 25. Aliás, podemos começar pelo verso 23. "Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e siga-me. Porque, qualquer que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; mas, qualquer que, por amor de mim, perder a sua vida, a salvará. Porque, que aproveita ao homem granjear o mundo todo, perdendo-se ou prejudicando-se a si mesmo?" Jesus fala em perder a vida (não pode ser a alma, como sugere o rodapé de alguma Bíblia, pois perder a alma por amor de Cristo é impossível). Não seria exatamente a vida que se perde quando alguém dá um tiro na cabeça; é a vida vivida. É o que representa a minha vida, tudo que fiz até aqui e que irei fazer até a morte ou o arrebatamento da Igreja, o que ocorrer primeiro. É essa a vida que está em jogo.

Vamos ver se entendemos melhor essa palavra de Jesus. Parece ser quase uma contradição – se perder, salva; se quiser salvar, acaba perdendo. Como será que funciona? Voltemos ao texto para ver o contexto. No verso que segue à passagem em pauta, verso 26, Jesus se refere a sua segunda vinda. A passagem paralela, Mateus 16.27, esclarece melhor: "Porque o Filho do homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos; e então dará a cada um segundo as suas obras." Cristo estava pensando na prestação de contas. É que "todos havemos de comparecer ante o tribunal de Cristo" (Rom. 14.10) onde "cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus" (Rom. 14.12). "Porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do

corpo, ou bem, ou mal" (2 Cor. 5.10). Entendo que 1 Coríntios 3.11-15 diz respeito ao mesmo acontecimento, a prestação de contas. Depois de declarar que o único fundamento é Jesus Cristo, Paulo fala de construir com "ouro, prata, pedras preciosas", ou com "madeira, feno, palha". (Embora a interpretação primária deste texto deva referir-se à atuação dos obreiros na igreja, parece-me claro que aplica-se também ao viver de cada um, desde que convertido.) É que nossas obras serão provadas por fogo. Se o fogo tem efeito sobre ouro e prata, é apenas purificar; já o efeito sobre feno e palha é devastador. Muito bem, e daí?

Vamos voltar à criação. Deus criou o ser humano para sua glória; para refleti-la e contribuir para a mesma. Creio que, por extensão, podemos entender Isaías 43.7 assim. Mas essa capacidade Adão jogou por terra quando rebelou-se contra Deus. É por isso que a condenação que pesa sobre o ser humano é que fica "aquém da glória de Deus" (Rom. 3.23). Mas o Filho veio ao mundo recuperar o potencial perdido. Efésios 1.12 e 14 explicam que o plano da salvação visa "o louvor da sua glória". E 1 Coríntios 10.31 traz a seguinte **ordem**: "Portanto, quer comais quer bebais, ou façais outra qualquer coisa, fazei tudo para glória de Deus." É que fomos "criados em Cristo Jesus para as boas obras" (Ef. 2.10). Com isso Deus não está querendo "estragar" nossas vidas, tirando todo o prazer delas (como muitos parecem imaginar). Ele não está sendo arrogante, exigente demais. Muito pelo contrário – Ele gostaria de evitar que percamos as nossas vidas. Sim, porque a glória de Deus é eterna (Salmo 104.31) e quando faço uma coisa para a glória dEle essa coisa se transforma, adquirindo valor eterno – passa a ser "ouro, prata, pedra preciosa". As obras feitas para a glória de Deus passarão pelo fogo sem prejuízo. Já as coisas feitas em função das próprias ambições e idéias são "palha". Certamente todos já ouviram falar em "fogo de palha", mas você já viu? É impressionante!

Pois é isso aí. Ser escravo de Jesus implica em viver em função do Reino, implica em fazer tudo para a glória de Deus. Com isso o escravo "salva a vida" pois estará erguendo a vida com "ouro e prata" que passará pelo fogo do tribunal de Cristo tranquilamente. Já aquele crente que rejeita a condição de escravo de Jesus vai erguer a vida com "feno e palha" que será consumido pelo fogo, e com isso ele "perde a vida" – ele viveu em vão; o potencial que representava sua vida foi jogado fora. Que tragédia!

(Imagino que alguém possa dizer: "Pois não, pois não. Entendi. Estou perdendo minha vida. E daí, o que você tem a ver com isso? Se quero jogar fora minha vida, o problema é meu!" Bem, de fato, é verdade, o problema é seu. Mas eu gostaria que você refletisse numa coisa: o problema não é unicamente seu; não é só **seu**! É também das pessoas que deveriam ter sido alcançadas através da sua vida, e não o foram. É também do próprio Cristo que foi lesado naquilo a que tinha direito.)

Entendo que cada crente deve viver em função do Reino, deve ser um discípulo verdadeiro de Cristo, deve ser um escravo de Jesus. Mas não quero deixar a impressão que todo mundo deve levar a vida exatamente como eu (nem quero deixar a impressão que eu seja um escravo ou discípulo perfeito; não, infelizmente ainda me rebelo contra meu Dono, vez por outra – sou pecador). Pelo contrário, imagino que muitos, até mesmo a maioria, vão exercer funções que implicam em salário ou ordenado, e isso segundo a vontade de Deus. A questão fundamental é a mentalidade. Sua vida gira em torno de que? Você está vivendo em função de que? No íntimo você está dependendo de Deus, ou do salário? E esse salário, quem manda nele?

Também não quero sugerir que todo mundo deva ser pobre. Não necessariamente. Entendo, inclusive, que certas pessoas têm o ministério de ganhar dinheiro. Eu ia dizer o "dom", mas já catei todas as listas dos dons espirituais e não achei. (Já pensou? Fosse dom, aí todo mundo iria querer!) Mas digo "ministério" porque Deus dá o dinheiro para investir no Reino. Estou pensando nominalmente em vários homens da geração próxima passada que tinham este ministério. Eram multi-milionários em dólar. Deus abençoava de maneira impressionante. Mas é que eles tinham a mentalidade do Reino. Sabiam que aquilo tudo não era para eles curtirem sozinhos. Investiam 90% do lucro na causa de Cristo. Era sua função no reino de Deus. Importa é a mentalidade!

Resumindo, ser escravo de Jesus é questão duma entrega sem reservas, dum compromisso total com Ele. Porém, posso imaginar que alguém esteja pensando: "Bem, essa idéia toda talvez funcione para norte-americano, onde todo mundo tem dinheiro (e dólar), mas aqui no Brasil vai ser diferente. Aqui estamos em plena crise econômica, e além do mais a maioria dos crentes evangélicos do país são pobres." Essa colocação merece uma avaliação cuidadosa.

Somos Pobres Demais?

Quer dizer que somos pobres demais? Obedecer as ordens de Cristo é privilégio só de ricos? Será que nossa Bíblia traz Marcos 16.15 de forma completa? Talvez deveríamos ler assim: "Ide por todo o mundo, desde que seja norte-americano (ou sofrivelmente inglês, alemão ou sueco), pregai o Evangelho a toda a criatura." Que tal? Antes de aceitarmos essa tese, vamos examinar a questão com mais cuidado. Podemos voltar ao começo.

Os primeiros crentes, lá em Jerusalém, eram ricos ou pobres? Parece que a grande maioria era pobre; tanto assim que os poucos abastados começaram a vender propriedades para alimentar os demais. Deu-se aí o caso de Ananias e Safira (Atos 4.32-5.11). É que os crentes não quiseram sair de Jerusalém, apesar das palavras do Senhor Jesus que achamos em Lucas 24.49 e Atos 1.8. O próprio Deus mandou então as perseguições que dispersaram os crentes. Foi aquela turma de pobres que se espalhou pelo mundo pregando o Evangelho.

Em 2 Coríntios 8:1-5 encontramos um relato interessante que vem exatamente ao encontro do nosso assunto.

- 01 Também, irmãos, vos fazemos conhecer a graça de Deus dada às igrejas da Macedônia;
- 02 Como em muita prova de tribulação houve abundância do seu gozo, e como a sua profunda pobreza abundou em riquezas da sua generosidade.
- 03 Porque, segundo o seu poder (o que eu mesmo testifico), e ainda acima do seu poder, deram voluntariamente,
- 04 Pedindo-nos com muitos rogos a graça e a participação deste serviço, que se fazia para com os santos.
- 05 E não somente fizeram como nós esperávamos, mas a si mesmos se deram primeiramente ao Senhor, . .

Os crentes macedônios eram paupérrimos ("profunda pobreza"). Além do mais, estavam passando por muita tribulação. Mesmo assim, fizeram questão de contribuir. Pelo verso 4 podemos deduzir que o Apóstolo sentiu-se um pouco constrangido diante da situação dos macedônios – eles próprios precisavam de ajuda; como então levantar uma oferta nesse contexto? Mas eles insistiram junto a Paulo; queriam dar. E deram mais do que podiam ("acima do seu poder"). Mas como seria possível isso? É que tinham a mentalidade do Reino – no verso 5 lemos que "a si mesmos se deram primeiramente ao Senhor". E certamente estavam por dentro do segredo da economia de Deus, que está descrita em 2 Coríntios 9.8. Mas antes de atentar para esse segredo, gostaria de pensar mais um pouquinho sobre **nossa** pobreza diante dum mundo perecendo sem Cristo.

Vem à mente o caso da multiplicação dos pães (Mc. 6.31-44, Mt. 14.13-21, Lc. 9.10-17, João 6.1-13). Jesus tentou se retirar (por água) para um lugar isolado, mas nada feito. Alguém percebeu e a multidão chegou na Sua frente (por terra). Como sempre, Ele sentiu compaixão, pois eram como ovelhas sem pastor. Passou a ensiná-los, o dia todo. Finalmente os discípulos chegaram ao pé dEle sugerindo que a multidão fosse despedida, pois por ali não tinha como achar alimento. Você se lembra da resposta de Jesus àquela iniciativa? "Dai-lhes vós mesmos de comer!" Já pensou? Já parou mesmo para refletir? Me diga aí por caridade, com que? Como poderiam os discípulos obedecer aquela ordem?

Vamos parar para relembrar o quadro. Diz o Texto Sagrado que eram quase 5.000 homens contados, sem calcular as mulheres e as crianças. Agora, quando se vê qualquer multidão por ali, o que mais tem? Não é mesmo mulher e criança? Quer dizer, imagino que aquela multidão tenha sido composta de 15.000 pessoas, no mínimo. Muito bem, procure imaginar que você seja um daqueles doze discípulos, e você acaba de ouvir o Mestre dizer: "Dai-lhes vós de comer". E agora, como fica? Os discípulos tinham alguma coisa? De fato, não. Nem dinheiro (que nada adiantaria, pois era um lugar isolado, sem mercado ou restaurante) e nem comida tinham. Mesmo os cinco pães e dois peixinhos eram dum rapaz na multidão.

Será que Jesus falou sério, ou teria sido uma brincadeira (meio sem gosto a essa altura)? Não sei, mas prefiro pensar que Jesus não iria brincar dessa forma. Mas se falou sério, como poderiam os discípulos obedecer? Só operando milagre. Mas eles se sentiram sem condições e devolveram o "abacaxi" para Jesus descascar – e Ele o fez muito bem. Mas foi Jesus que entregou o pão e peixe à multidão? Não. Vamos pensar mais um pouco no quadro, pois devemos ainda sentir a fé dos discípulos.

Diz o Texto Sagrado que a multidão saiu saciada. Não foi uma coisa só para enganar o estômago, ficaram satisfeitos. Agora, já pensou quanto pão e peixe levaria para fartar 15.000 pessoas (e que ficaram sem almoço)? Certamente quando Jesus abençoou e partiu aqueles pães e peixinhos não houve uma multiplicação instantânea tamanha que daria para a multidão – nesse caso a tremenda pilha de pão e peixe iria soterrar Jesus, os discípulos e quem mais por perto estivesse! Sério. Basta parar e pensar um pouquinho. Podemos ter certeza que não foi assim. Quando Jesus colocou pão e peixe nas mãos dos discípulos, era só o que tinha até esse momento.

Agora, procure imaginar que você fosse um daqueles discípulos, e você com esse pouco de pão e peixe na mão tinha que alimentar mais de mil pessoas (doze discípulos e quinze mil pessoas). Já pensou? Você não iria se sentir ridículo ao tomar o primeiro passo em direção ao povo? No entanto, sabe-se lá como, os discípulos acham a coragem e se aproximam do povo. O primeiro se serve e, maravilha, ficou no mesmo! O segundo se serve, e ficou no mesmo. Aleluia, não acabava nunca! Ao passo que foram distribuindo, a comida foi multiplicando. Se tivessem desistido pela metade, metade do povo teria ficado sem comer. Se tivessem comido primeiro, imagino que a coisa teria estancado logo no começo e a multidão ficava faminta. Os discípulos comeram por último, mas comeram muito bem, obrigado. (Você já experimentou comer um cesto de pão?)

Eu acho graça, pensando naquele quadro, até lembrar que o Senhor Jesus ainda está a nos dizer: "Dai-lhes vós mesmos de comer" – só que desta vez são nada menos que 2.000 etnias e 2,5 bilhões de pessoas perecendo diante duma falta absoluta do Pão da Vida. E nós, que nem os discípulos, a dizer, "com que, Senhor?" Enquanto ficarmos olhando para as nossas mãos vazias não vamos achar a coragem para enfrentar o desafio do mundo perdido. Não depende das nossas mãos vazias, depende das mãos cheias de Jesus! Não depende da nossa fraqueza e pequenez, depende de **Jesus**, do que Ele tem e pode. Temos que aprender como colaborar com Deus, e realmente fazê-lo. Enfim, precisamos entender como é que funciona a economia de Deus.

A Economia de Deus

Os capítulos 8 e 9, inteiros, de 2 Coríntios versam sobre oferta, dar, contribuir, enfim, dinheiro. Mas é a partir de 2 Coríntios 9.6 que encontramos a descrição de como a economia de Deus funciona. Esse verso enuncia um princípio básico, fundamental que é de aplicação geral, pois atinge a todos. "E isto afirmo: Aquele que semeia pouco, pouco também ceifará; e o que semeia com abundância, com abundância também ceifará."

Qualquer agricultor entende disso. Se ele plantar pouco feijão, vai colher pouco feijão. Se ele quer mais, tem que plantar mais. Qualquer homem de negócios também entende. Se ele quer dinheiro, tem que plantar dinheiro, só que aí usamos o termo "investir". É o mesmo princípio. Mas tem um detalhe que às vezes pode ser incômodo – é preciso plantar primeiro, para colher depois. É melhor apertar o cinto do que comer a semente, por mais fome que esteja sentindo. É claro, pois quem comer a semente não vai plantar nada, e quem planta nada, colhe nada!

A natureza às vezes é pródiga. O campeão deve ser o milho. Imagino que muitos leitores já tenham plantado milho. A gente costuma colocar três ou quatro grãos numa cova, mas suponhamos que certa vez caia só um. Se esse grão germinar, nasce um pé. Certo? E esse pé deve produzir duas espigas boas (a terceira costuma ser murcha). Agora, você já contou quantos caroços uma espiga tem? Pois eu já. Se ela for franzina, talvez tenha 300 grãos. Uma boa espiga deve ter por volta de 500 grãos. Uma **senhora** espiga pode ter até 800! Suponhamos que nosso pé de milho nos dê duas espigas boas. Plantamos um grão e recebemos de volta 1.000 grãos! Não é negócio? Mesmo um feijão que nos dê apenas umas dúzias por um não deixa de ser negócio. É assim que Deus faz.

Como já observamos o contexto é financeiro, e o verso 7 deixa claro que ao falar sobre plantar e colher o autor quer que apliquemos o princípio ao dar. "Deus ama ao que dá com alegria." Creio que podemos tranquilamente entender o seguinte: quem dá muito, recebe muito; quem dá pouco, recebe pouco; quem dá nada, recebe nada. Talvez seja por isso que muitos crentes, inclusive obreiros, estão sempre apertados financeiramente. Não dão; nunca contribuem. Lucas 6.38 mostra a reação dos homens e Provérbios 3.9-10 a reação de Deus quando alguém dá.

Agora vamos ao "segredo"; está no verso 8 (2 Cor. 9). "Deus é poderoso para fazer abundar em vós toda a graça, a fim de que tendo sempre, em tudo, toda a suficiência, abundeis em toda a boa obra."

Vamos observar com cuidado o conteúdo semântico. É **Deus** que é poderoso, não a gente. É Ele que vai **fazer abundar** em nós, não a gente que vai abundar. E Ele vai fazer abundar em nós "toda a graça" – a graça no caso é a graça de dar, de contribuir (lembrar 2 Cor. 8.1, "a graça de Deus dada às igrejas da Macedônia", que foi exatamente a graça de dar, inclusive mais do que podiam). Agora o Texto amontoa palavras enfáticas: "sempre", "tudo", "toda", "suficiência", "abundeis", "toda". Essa ênfase toda é para garantir dois resultados: a gente deve sempre ter o suficiente (pelo menos), e a gente deve abençoar grandemente aos outros. Vamos ver como funciona.

Entendo que é o seguinte. Deus quer que sejamos canais, veículos ou canos através dos quais Ele pode encaminhar um fluxo de bênçãos, tanto materiais como espirituais, a terceiros. Muita coisa que a gente recebe não seria exatamente para o uso da gente – tem outro endereço, e a gente tinha que reencaminhar a bênção (o outro endereço temos que discernir pelo Espírito). Quando a gente corresponde e colabora com Deus, aí Ele manda mais. Quanto mais fiel e sensível a gente for, mais Deus vai mandar, um fluxo de bênção cada vez maior. Mas se Deus enviar uma bênção, digamos uma quantia de dinheiro, que tem outro endereço e a gente não quer entender, não quer colaborar, segura para si, aí a gente passa a ser um "cano entupido". Que coisa triste um cano entupido, é uma negação! Aí estanco o fluxo da graça de Deus através da minha vida, pois Ele pára de mandar. É claro. Para que Deus vai continuar mandando se eu não deixo passar? Será que nossas igrejas não estão cheias de "canos entupidos"?

Quando colaboramos com Deus, Ele ganha, os outros ganham e nós também ganhamos. Mas quem recuar, se omitir, estará prejudicando a si mesmo, aos outros e ao próprio Deus. Vejamos os versos que seguem, 9-14 (2 Cor. 9). O verso 9 diz respeito à última frase do verso 8, sendo uma citação de Salmo 112.9. Versos 10 e 11: "Ora, aquele que dá semente ao que semeia, e pão para comer, também suprirá e aumentará a vossa sementeira; em tudo sendo enriquecidos para toda a generosidade, a qual faz que por nós se dêem graças a Deus." Mas que maravilha! Deus dá até a semente para a gente plantar; e para evitar que alguém coma essa semente, ao mesmo tempo Ele dá o pão para a gente comer. Ele visa exatamente a sementeira, Ele está querendo ver os frutos. Quando a gente é fiel, colabora, aí Deus não somente supre mas aumenta nossa sementeira; em outras palavras Ele aumenta a nossa generosidade, ou pelo menos o fará ao passo e na medida que cooperamos com seu propósito. Como resultado certo e justo desse processo, Deus recebe aquilo ao qual faz jus: os beneficiados rendem graças a Ele.

Versos 12 e 13 ampliam esse aspecto. "Porque o exercer deste ministério não só supre as necessidades dos santos, mas também redundando em muitas graças a Deus; através desta ministração aprovada, glorificam a Deus pela obediência que acompanha vossa profissão do Evangelho de Cristo, pela liberalidade da partilha com eles, e com todos, e através da oração deles por vós, tendo de vós grande saudade por causa da superabundante graça de Deus que em vós há" (2 Cor. 9.12-14). Assim, quando nos associamos à economia de Deus Ele recebe a glória devida, as necessidades dos santos são supridas, e nós somos abençoados. Primeiro, as pessoas que recebem os benefícios do nosso ministério oram a nosso favor, e certamente Deus há de atender a essas orações. Segundo, mesmo sem tal oração, nossa obediência há de receber os efeitos da fidelidade de Deus. Não somente temos as declarações e promessas desta passagem, mas o próprio interesse divino está em jogo – um "cano" fiel e útil não pode morrer de fome.

Então, meus irmãos, é isso aí. Deus não fica devendo a ninguém. Vale a pena repetir: **Deus não fica devendo a ninguém!** Somos pequenos demais; não é à gente que Deus vai ficar devendo. Ele não aceita. Podemos confiar: quem dá muito, recebe muito; quem dá pouco, recebe pouco; quem dá nada, é porque quer receber nada. Parece-me ser verdade que este princípio, assim como o dizimo, funciona mesmo quando a motivação da pessoa é interesseira ou egoísta. No entanto, creio que o leitor há de convir que meu apelo todo tem sido contra o egoísmo. É devido às "compaixões de Deus" que devemos apresentar as vidas em "sacrifício vivo" (Rom. 12.1). É pelo privilégio e o prazer de participar na graça de Deus que devemos dar. Creio ser verdade dizer que nossa prosperidade está nas próprias mãos, pelo menos em parte (infelizmente é também verdade que podemos sofrer pela desobediência dos outros, assim como eles podem sofrer pela nossa). Mais do que isso, a situação financeira do empreendimento missionário está também nas nossas mãos. Se colaborarmos com Deus não faltará dinheiro para sustentar os missionários que Ele está chamando e nem para custear todos os demais aspectos da obra.

A "Promessa de Fé"

Um procedimento que muito se usa em nossos dias para levantar fundos para missões é a chamada "promessa de fé" (no sentido de uma promessa feita pela fé). Entendo ser exatamente uma aplicação específica da verdade exposta em 2 Coríntios 9.8. O procedimento funciona da forma seguinte. Vamos colocar o assunto em termos de igreja local embora funcione também para indivíduo bem como para uma convenção. (Há vários anos apresentei este procedimento numa igreja e apenas um homem aceitou o desafio – ele, sozinho, passou a contribuir mais para missões do que o resto da igreja toda.) A aplicação do princípio independe do tamanho do grupo que vai pô-lo em prática. Vejamos, então, o caso duma igreja local.

Creio que quem mais popularizou o procedimento foi o saudoso Dr. Oswald J. Smith e a "Igreja do Povo" em Toronto, no Canadá. Uma vez por ano eles fazem uma conferência missionária. (Fazer a conferência é opcional, pois o procedimento pode funcionar sem ela, mas serve para informar, orientar e entusiasmar o povo.) A essência da proposta é o que segue.

Cada pessoa é convidada a procurar a face de Deus e fazer a seguinte indagação: "Senhor, quanto Tu queres enviar para missões através da minha mão neste ano?" Vamos devagar para entender bem essa proposta. Observe que a pergunta é quanto **Deus** vai enviar. Não se trata de espremer seu minguado ordenado para ver se tira mais um tostão. Nem se trata de mexer com seu dízimo ou outros compromissos já assumidos com a igreja ou outras repartições do Reino. Eu iria ainda mais longe--nem é questão, necessariamente, de mexer com seu orçamento doméstico (se bem que se você tem três televisores Deus talvez mande vender um, ou mesmo dois, etc.). Não. É ver o que Deus vai fazer. Ele vai suprir de maneira surpreendente, avulsa, extra, até milagrosa. Mas tem um detalhe; o que Deus enviar nesses termos é sagrado, é para missões! (Não vá comer a semente, por favor.) A proposta pode ser em termos mensais ou anuais.

Muito bem. Então cada um faz sua consulta a Deus. Pede-se que cada um coloque num papel a quantia que ouviu de Deus e esses papéis são recolhidos. Atenção para um detalhe importante – quer coloque o nome no papel, quer não, não se trata dum compromisso legal que poderá ser cobrado depois. É justamente uma "promessa de fé"; é uma declaração, pela fé, daquilo que confia que Deus vai fazer durante o ano. Recolhem-se os papéis para que a comunidade possa ter uma idéia por alto do montante que deve entrar para missões durante o ano, a fim de assumir compromisso com obreiros e entidades onde o dinheiro será aplicado. É óbvio que tais compromissos também serão pela fé e os destinatários devem entender claramente a natureza da proposta.

Tenho dito que a "promessa de fé" é uma aplicação específica de 2 Coríntios 9.8. Creio que sim, mas há uma variação. Na exposição da economia de Deus, feita acima, a iniciativa estava com o Espírito Santo e cabia à gente estar atento e sensível para entender quando reencaminhar uma bênção. Com a "promessa de fé" a gente se coloca conscientemente na mão de Deus visando uma proposta específica feita de antemão, que pode até incluir o destinatário. Acontece que funciona, e com efeitos tremendos. Já são centenas, se não milhares, de igrejas, que representam muitos anos de experiência com este procedimento, cujos testemunhos se avolumam.

Às vezes, quando uma igreja ouve pela primeira vez a proposta de sustentar missões através deste procedimento, a liderança da mesma fica com receio. Achem que deve ser um tipo de "conversa fiada", que qualquer dinheiro dado para missões vai sair mesmo é das contribuições destinadas ao orçamento da igreja. Mas quando se reitera que não é para ser nada disso, que ninguém deve tirar do dízimo ou das contribuições normais para a igreja, que deve ser dinheiro outro que o próprio Deus vai mandar, então às vezes aceitam fazer experiência para ver se funciona. Quando uma igreja resolve por a proposta em prática, acontece o seguinte, quase sempre. Todo o dinheiro prometido pela fé para missões efetivamente entra no Caixa até o fim do ano (doze meses após a conferência). O orçamento normal da igreja, longe de levar prejuízo, prospera. Se a igreja está em campanha de construção de templo, ou algum outro prédio, anda até mais depressa do que se esperava. O número de membros aumenta. Enfim, Deus abençoa esse povo de forma geral. Para achar exemplos concretos não é preciso ir aos EEUU, pois os temos aqui no Brasil. Vez por outra as revistas denominacionais noticiam um exemplo. Um dos mais conhecidos deve ser o da Primeira Igreja Batista de Santo André.

Quero enfatizar que a coisa funciona até para um povo paupérrimo. No ano de 1975 participei da conferência missionária da Igreja do Povo em Toronto (justamente o ano quando romperam a barreira de um milhão de dólares). Um dos preletores foi um líder evangélico da Libéria, e ele relatou o

resultado quando o seu povo resolveu pôr em prática a "promessa de fé". O povo dele vive no interior da Libéria, numa região semidesértica onde a vida é difícil. É um povo paupérrimo. Com lágrimas escorrendo pela face ele contou que esse povo tinha dado o equivalente a oito mil dólares para missões num ano. Já imaginou? Um povo paupérrimo, mas cujo Deus é **GRANDE**.

Volto a dizer que se cada crente evangélico do Brasil contribuísse com 1% de sua renda para missões poderíamos semear até 100.000 missionários brasileiros pelo mundo. Mas tem igreja que faz bem mais do que isso. Há vários anos tomei conhecimento duma igreja nas Ilhas Filipinas. Lembrem que as Filipinas também fazem parte do chamado "terceiro mundo". Aliás, lá não têm os recursos naturais e o parque industrial que temos aqui. A situação econômica deles deve ser pior que a nossa. No entanto, aquela igreja, na época, com 500 membros sustentava 50 missionários! Quer dizer, cada dez membros sustentavam um obreiro. Dá para fazer; basta dar o dízimo em vez de só 1%.

Que tal, meus irmãos? Realmente o Brasil representa um potencial muito grande para a expansão do reino de Cristo pelo mundo. Temos os recursos necessários, tanto humanos como materiais. Está faltando compromisso com a Causa; está faltando a mentalidade do Reino. Aliás, bastaríamos nós do Brasil só – se conseguíssemos levar cada evangélico do país a viver efetivamente para Cristo, ninguém mais segurava a Igreja, tomaríamos o mundo de assalto. Vamos lá?

A Prestação de Contas

Antes de encerrar este capítulo eu gostaria de voltar a Lucas 12. Ao comentar "a mentalidade do reino" chegamos até o verso 34. Mas o Senhor Jesus continuou falando e creio que devemos atentar ainda para o conteúdo dos versos 35 a 48. Têm alguma coisa a ver com nosso assunto. É que, ato contínuo, o Senhor começou a falar de sua volta, a segunda vinda. "Estejam cingidos os vossos lombos, e acesas as vossas candeias, e sejam vós semelhantes a homens que esperam o seu senhor, quando houver de voltar das bodas, . . ." (Lc. 12.35-36). "Portanto, ficai vós também apercebidos, porque virá o Filho do homem à hora que não imaginais" (verso 40). Aí o Apóstolo Pedro perguntou se essa última palavra era só para eles, ou para todos. A resposta de Jesus foi que quem recebe mordomia é mordomo e terá que prestar contas da mordomia. Aí no verso 46 vem uma palavra dura – o mordomo delinqüente terá sua parte com os **infiéis!**

Vejamos agora os versos 47 e 48. "O servo que soube a vontade do seu senhor e não se aprontou, nem fez segundo a sua vontade, será castigado com muitos açoites; mas o que não soube e fez coisas dignas de golpes, levará poucos açoites. Pois a qualquer que muito foi dado, muito lhe será exigido, . . ." É a prestação de contas, é o tribunal de Cristo. Observar que esta palavra é endereçada aos discípulos, e de forma mais explícita é dirigida a Pedro, em resposta a sua pergunta. É o **servo** que soube e não fez que será castigado com muitos açoites. (Não sei a natureza desses açoites, mas talvez tenha algo a ver com o prejuízo de ter a vida queimada – lembrar a esse respeito o que já se expôs sobre o preço de não ser um escravo de Jesus.)

O servo que soube e não fez, . . . E nós, meus irmãos, e nós os crentes evangélicos do Brasil? Nós não sabemos a vontade do nosso Mestre? Nossa Bíblia não tem Mateus 28.19, Marcos 16.15 ou Atos 1.8? Nunca ouvimos falar das ordens de Cristo? "A Grande Comissão" é frase simplesmente estranha a nossos ouvidos? Com que "cara" vamos ficar, me desculpem a expressão, mas com que cara vamos ficar perante o Tribunal de Cristo quando Ele cobra de nós as suas ordens; quando Ele indaga sobre as etnias do mundo que nunca receberam porta-voz de Cristo; quando Ele quer saber porque metade das pessoas no mundo continuam a morrer sem ouvir de Jesus? Como explicar nossa omissão, nosso terrível descaso? Que resposta poderemos dar?

Devemos lembrar que nossa mordomia é bastante grande. O Evangelho chegou ao Brasil há mais de 150 anos. Quase todas as capitais de estado do país contam com pelo menos um seminário teológico ou instituto bíblico, e muitas outras cidades também têm. Quer dizer, o número de pessoas com preparo teológico já é grande, e cresce cada vez mais. É a mão de obra disponível. A Palavra de Deus existe em nosso idioma há mais de 300 anos, e a literatura evangélica se torna cada vez mais farta. Dispomos de muitas "ferramentas" para estudo bíblico e teológico, e o quadro continua melhorando. O problema é que essa mordomia toda será cobrada.

Somos pelo menos quinze milhões de crentes evangélicos no país (colocando por baixo). Que potencial tremendo! Será que Deus não vai cobrar esse potencial? 2 Pedro 3.12 fala em "apressar a vinda" do dia de Deus. É que temos escolha, temos arbítrio. Nossas decisões têm valor, fazem

diferença. Podemos efetivamente apressar a vinda de Cristo – decorre dali, fatalmente, que podemos atrasar a vinda também (tudo dentro dos limites impostos pela soberania de Deus). É por isso que tem prestação de contas. É por isso que Jesus vai cobrar a mordomia que a nossa vida representa, tudo que temos e somos.

Tem mais uma. Deus tem nos colocado nas mãos uma tecnologia nunca vista, coisas que nossos pais não tiveram, que nossos avós sequer sonharam. Será à toa? Não acredito. Deus não é de fazer as coisas à toa. Entendo que é esta nossa geração que tem o privilégio, e a responsabilidade, de terminar de cumprir a Grande Comissão, de terminar de fazer o que se há de fazer antes que Jesus venha. Se a geração dos Apóstolos, com pouca gente e os recursos de então, conseguiu alcançar seu mundo, que nos impede de alcançar o **nosso** mundo, também numa geração? Somos tantos! Temos tanto!

Meu pai andava a cavalo pela hinterlândia boliviana à cata dos moradores salpicados pelas matas. Trinta anos depois o filho andava pela selva amazônica de hidroavião e munido de radiofonia, à cata de grupos indígenas (também andei a pé e de canoa, mas essa é outra história). Certa vez, numa dessas viagens, o pai adoeceu. Ainda consegui chegar até a casinha dum casal "perdido" na selva. Caiu na rede e ficou fora de si durante duas semanas, com febre alta. O casal o agüentou com chá e canja, e ele sem saber. Finalmente Deus achou por bem restabelecê-lo e chegou em casa com um mês de atraso. Poderia ter morrido por lá e a notícia nos alcançar muito depois. Também já adoecei na selva, numa dessas viagens. Liguei a radiofonia e avisei os colegas na cidade, pedindo oração (só isso já era um grande conforto que meu pai não tinha – eu não estava mais sozinho). Quando Deus não achou por bem me curar, pedi um avião para me resgatar e poucas horas depois estava a caminho da cidade e recurso médico. Que diferença fazem trinta anos! Agora colegas estão levando computadores portáteis, a pilha, à selva. Temos satélites, televisão, etc.etc. Está faltando apenas **a mentalidade do Reino** para que terminemos de alcançar o mundo com o Evangelho.

Pensando mais esta vez na mentalidade do Reino, eu gostaria de fazer um apelo aos amados irmãos. Meus irmãos, vamos exorcizar o espírito denominacionalista que grassa em nosso meio. Entendo que as diversas denominações podem ser úteis, e quem sabe até necessárias, por questões práticas. Se eu quero dar um banho completo no recém-convertido, mas um outro só quer molhar a cabeça, torna-se incômodo trabalharmos debaixo do mesmo teto. Escolheríamos tetos diferentes exatamente para preservar a paz e não ficarmos brigando a respeito de pormenores que não implicam na salvação. Mas nada disso deve impedir que trabalhem juntos no grosso, no básico, no cumprir das ordens de Cristo. Em vez de imaginar que somos donos da verdade e nos digladiar entre nós, vamos concentrar nosso fogo contra o inimigo das nossas almas. Diante do mundo perdido devemos somar nossas forças, pois nenhuma denominação sozinha tem as condições necessárias. Quando pensamos nas etnias nunca alcançadas e nas dificuldades que o trabalho transcultural nos apresenta, aí um esforço conjunto se nos impõe. Esse esforço conjunto vai incluir as entidades especializadas que Deus tem levantado para colocar à disposição das igrejas a perícia, a experiência e a infra-estrutura específicas que estas não têm (e que levariam muitos anos para adquirir). Elas devem ser consideradas como uma extensão das igrejas, não como "concorrência". Podemos nos respeitar mutuamente, e reconhecer as convicções diferentes no tocante a questões secundárias, e ainda dar as mãos para enfrentar o mundo sem Cristo. Que Deus nos ajude!

Para podermos alcançar o mundo inteiro e cumprirmos a Grande Comissão de Cristo está faltando **a mentalidade do Reino!**